

PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – FAPESP

ORIENTADORA: Luciane de Paula

ORIENTANDA: Marcela Barchi Paglione

SHERLOCK HOLMES: A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DO SUJEITO (E) DA SÉRIE TELEVISIVA

SHERLOCK HOLMES: THE DIALOGICAL CONSTITUTION OF THE SUBJECT (AND) OF THE TELEVISION SHOW

RESUMO: A minissérie televisiva inglesa *Sherlock* conta com a recriação das personagens e do enredo da série literária centrada nas aventuras de Sherlock Holmes – originalmente de Conan Doyle – para os dias atuais, de modo que é mantida entre os dois discursos uma relação de interdiscursividade/intertextualidade. Este projeto se propõe a analisar o diálogo travado entre os dois discursos, calcando-se na construção do sujeito Sherlock, mais especificamente em relação ao antagonista Jim Moriarty. Para tal, serão utilizados os conceitos de sujeito, signo ideológico, gênero, enunciado e dialogismo, conforme são discutidos pelo Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov, a fim de compreender como a constituição do herói discursivo da série televisiva é construída, considerando o seu deslocamento no tempo e entre gêneros – do romance policial do século XIX à série televisiva contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Sujeito; Bakhtin; *Sherlock*.

ABSTRACT: The british television show *Sherlock* counts with the recreation of the characters and the plot of the book series centered in the adventures of Sherlock Holmes, which are originally Conan Doyle's, for now-a-days so that be kept a interdiscursive/intertextuality relation between the two discourses. This project proposes to analyze the dialog taken between the two discourses, focusing on the construction of the subject Sherlock, more specifically on his relation to the antagonist Jim Moriarty. To do so, there will be used the concepts of subject, ideological sign, genre, utterance and dialogism according to what is discussed by the Bakhtin, Medvedev, Volochinov Circle, to comprehend how the constitution of the discursive hero of the television series is constructed, considering its shift over time and across genres – from the detective novel of the nineteenth century to the contemporary television series.

KEYWORDS: Dialogism; Subject; Bakhtin; *Sherlock*.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

“O nome é Sherlock Holmes, e o endereço é 221B, Baker Street”. Eis a apresentação de Holmes para Watson no Hospital de Saint-Bartholomew, em Londres,

onde se conheceram pela primeira vez essas conhecidas personagens criadas por Arthur Conan Doyle, recriadas com os enredos em diversas esferas de atividade. Esse enunciado se passa na minissérie *Sherlock*, mais precisamente no primeiro episódio, intitulado *A Study in Pink* (2010)¹. Desde o título, percebemos um diálogo com a primeira obra de Doyle que introduz a personagem Sherlock Holmes, *A Study in Scarlet*²(1887), o qual se manterá como característica intrínseca à minissérie, permeada por aproximações e afastamentos em relação à original.

O conceito de dialogismo, segundo o Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov na obra *Estética da criação verbal* (1979), pode ser entendido como a relação entre os enunciados, ou seja, utilizações reais da língua em sociedade dentro de uma determinada esfera de atividade, e esses enunciados remetem uns aos outros, são influenciados uns pelos outros, dialogam entre si. As obras de arte, assim como os diálogos coloquiais, são enunciados que são “preludes de resposta”³, pois produzidos já com a ideia de uma “ativa compreensão responsiva”, a qual pode vir a ser uma outra obra. E assim, a cadeia da comunicação discursiva é desenvolvida, por meio de elos entre os discursos que dialogam com as que já foram e as que ainda serão enunciadas. Segundo Bakhtin, “(...) o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (2003, p. 300).

Se considerarmos a ampla recriação dos contos e livros de Doyle desde sua publicação, percebemos que as suas obras respondem a outros enunciados, que também respondem a ele e a outros. Nesse sentido, podemos dizer que há diálogos intrínsecos entre eles são estabelecidos. A minissérie *Sherlock* pode ser entendida como um elo na cadeia dos enunciados sobre Sherlock Holmes, pois responde a eles, o que a torna impossível de ser separada dos outros enunciados sobre esse tema, principalmente dos de Doyle, uma vez que o diálogo travado entre eles lhe é intrínseco.

¹ *Um estudo em rosa*. Na pesquisa que aqui se propõe, trabalharemos com o seriado inglês com legenda em português, de modo a levar em consideração os elementos prosódicos como constitutivos do sentido no enunciado verbo-voco-visual, assim como as referências aos episódios e à obra romanesca também serão feitas no original em inglês, levando em nota a tradução para o português.

² *Um estudo em vermelho*.

³ Para o Círculo, enunciar é um ato, pois significa agir no mundo de forma responsável, sem alibi na existência. Os “atos de fala”, além de responsáveis, são responsivos, uma vez que contêm em si outros atos que versam sobre o mesmo tema, sejam esses já realizados ou que possam vir a realizar-se, e eles os levam em conta no momento da enunciação.

Esses enunciados que têm como tema a personagem Sherlock Holmes podem fazer parte de gêneros discursivos diversos. Os gêneros discursivos se diferem dos textuais por levarem em consideração não só a textualização, materialização enunciativa, mas o discurso que envolve o texto/enunciado. O discurso se encontra inserido em um grupo de enunciados, com uma forma específica, em uma sociedade, a qual possui determinados valores, além de ser permeado pelo estilo do autor (suas marcas características) e da época de produção. Podemos compreender que, dependendo de quem enuncia (o autor, com seu estilo composicional), de como enuncia (a forma), sobre que conteúdo (abordagem de um tema) e de quando enuncia (cronotopo que caracteriza a produção no nível estilístico, ideológico e composicional, uma vez que um gênero muda também conforme o tempo-espço), dois enunciados que tratam do mesmo conteúdo, até mesmo do mesmo gênero, constituem-se de maneira única.

No caso de *Sherlock*, trata-se de um enunciado do gênero (mini)série televisiva, o qual faz parte da esfera de atividade midiática – a reprodução dessa minissérie se dá em um canal de televisão da rede BBC (BBC One) – e conta com uma forma característica de enunciados que pertencem a esse gênero, além de um discurso caracterizado pelo estilo de produção dos criadores Mark Gatiss e Steven Moffat (os quais também são escritores dos episódios, juntamente com Steve Thompson). Apesar de ter o tema próximo daquele do enunciado de Doyle, a minissérie se diferencia pela maneira (forma) de tratar o assunto (conteúdo temático), pela abordagem que faz, ao trazer Holmes para o século XXI e o recriar juntamente à trama e com as outras personagens, de maneira a dar enfoque a determinados aspectos de sua *psiqué*. Assim, uma justificativa de relevância deste projeto é a contribuição que ele pode trazer aos estudos dialógicos ao que concerne à pesquisa da relação entre dois enunciados (o da minissérie em interação com o literário). Acreditamos que, ao compreender a constituição do sujeito Sherlock como dialógica, especialmente ao considerar sua relação com Moriarty, possamos colaborar com os estudos bakhtinianos ao que se refere à produção, circulação e recepção dos enunciados.

A proposta deste projeto é, então, estudar a construção do sujeito Sherlock em sua interação com outros sujeitos, levando-se em conta a questão da alteridade, ou seja, a relação do sujeito com seu outro. A construção do sujeito depende de sua interação dialógica com outros. Assim como um enunciado é constituído por vários outros na cadeia da comunicação discursiva, sempre em relação com aqueles que vieram e que estão por vir (motivo de não ser acabado), o sujeito é constituído em diálogo, na

interação com outros, de maneira social e não homogênea. Só tomamos consciência do “eu” na relação “eu-outro”. O “eu” adquire “identidade” em suas relações com a alteridade, com as vozes dos “outros” que fazem parte dele e o constituem, apesar de si mesmo, como diria Faraco.

Assim, de maneira mais delimitada, a proposta é analisar a relação de Sherlock com seu antagonista, Jim Moriarty, enquanto constituinte do protagonista. Para tal, analisaremos o sexto episódio da série da BBC, *The Reichenbach fall* (2012)⁴, o qual trata, em especial, dessa interação entre os sujeitos, visto em perspectiva dialógica com a obra de Doyle e com o todo da minissérie. Serão utilizados, principalmente, os conceitos de dialogismo, sujeito, cronotopo, gênero, signo ideológico e enunciado, de acordo com o pensamento do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov.

Esses conceitos não se encontram isolados. Ao contrário. Estão estritamente ligados a outros, como por exemplo, exotopia, estilo, ato, entre outros, dos quais lançaremos mão quando necessário ao longo da pesquisa, a qual visa também o aprofundamento e a pertinência da abordagem do Círculo para análise de enunciados verbo-voco-visuais, como o midiático contemporâneo – caso da minissérie em questão.

O sexto episódio, que veio ao ar em Janeiro de 2012, leva o nome da pintura de Turner, *The Reichenbach Falls* (1804). Ela aparece recuperada por Sherlock no início do episódio e relaciona-se com o conto de Doyle chamado *The Final Problem*, publicado na *Strand Magazine* em Dezembro de 1893 e como parte da coletânea *The Memoirs of Sherlock Holmes*⁵, um ano depois. Nele ocorre o duelo entre Holmes e Moriarty, considerado o “Napoleão do crime”, sendo as quedas de *Reichenbach* o local onde, supostamente, os dois caíram e morreram na obra de Doyle. O episódio, em geral, exala um clima pesado, estranho aos outros episódios da minissérie e Sherlock parece meio deprimido, como reconhece Molly, que trabalha no hospital onde ele frequentemente faz pesquisas, *Saint Bartholomew*.

Sherlock ganha atenção indesejada da mídia quando recupera a pintura de Turner, o que o leva a conseguir casos midiaticamente divulgados como “importantes”⁶, como o rapto dos filhos do embaixador americano. O rapto fora armado por Moriarty para parecer que fora o próprio Sherlock que planejava o crime. Este consegue abrir as

⁴ A queda de *Reichenbach*.

⁵ *O Problema Final e As Memórias de Sherlock Holmes*.

⁶ Sherlock sempre foi requisitado para resolver o que a inteligência britânica considerava indissolúvel. Todavia, no referido episódio, a mídia o dá visibilidade e, com isso, ele começa a ser considerado, pelo grande público, uma “celebridade” notável, tanto como detetive quanto como suspeito, neste caso.

celas da prisão de *Pentonville*, o cofre do Banco da Inglaterra e invadir o local onde estavam as joias da coroa inglesa, tudo por meio de seu *smartphone*. É preso sem nenhuma contrariedade e é levado a julgamento. Sherlock é chamado para dar depoimento. Lá, tenta convencer que Moriarty é um “gênio do crime”, mas como este havia ameaçado o júri, foi salvo. Sherlock e Watson descobrem que Moriarty se faz passar por um ator (Richard Brook) que teria sido supostamente convencido por Sherlock para representar um bandido que cometera crimes planejados por este. Ele é acusado de haver cometido, ele mesmo, os crimes que investigou e todos são levados a acreditar nisso, até mesmo Lestrade, inspetor da Scotland Yard. Ele é tido como uma fraude, um falso gênio.

Moriarty faz uma visita a Holmes e o deixa intrigado, apenas com a pista “I O U” (“eu devo-lhe” - tradução livre) gravada em uma maçã, a qual, depois, aparece em vários locais, como referência ao enunciado verbal “I owe you a fall” (“eu devo-lhe uma queda” - tradução livre). Nessa cena, Moriarty diz que os dois são iguais, que Sherlock precisa dele como seu vilão e ele precisa de um detetive do mesmo nível intelectual para investigar seus crimes e passa um enigma, o “problema final” a ser resolvido. É justamente essa constatação de que os dois são necessários um ao outro, sujeitos constitutivos externos um do outro, refratários entre si que pretendemos analisar.

Os enunciados verbais são extremamente importantes na minissérie. Muito explorados como enigmas que também devem ser desvendados (como é o caso de “I O U”), mas também em diversos outros episódios.

No caso de “I O U”, além de, juntos, os grafemas formarem um signo, com um valor e uma significação; separados, podem dar a entender que necessitam ou que é possível “completar” as lacunas existentes entre as letras, decifrar o enigma, como uma pista, uma vez que essa é uma das estratégias de jogo e relação entre Sherlock e Moriarty. A relação entre eles é bastante tensa e, no episódio do jogo, em que Moriarty diz que um precisa do outro, há uma insinuação erótica entre eles, não totalmente explicitada, como que sem todas as letras, como pista (como “I O U”).

Assim, “I O U” pode ser relacionado a “I Owe yoU a fall” (“eu te devo uma queda”), relacionando-se diretamente com a queda literal que Sherlock realiza no final do sexto episódio; ou talvez uma insinuação erótica (“I lOve yoU” – “Eu te amo”) do jogo sado-masoquista dos sujeitos claramente atraídos pelos jogos intelectuais um do outro, como já aparecera no episódio *A Great Game*, ou seja, fazê-lo cair de amores

pelo outro, no plano intelectual. As possibilidades de atribuição de sentido ficam a cargo do protagonista e do telespectador.

O telespectador, aliás, no seriado, de certa forma, é visto como um outro detetive, tanto que a minissérie extrapola os “limites” televisivos e ganha elementos da mesma no “mundo real” – por exemplo: os blogs de Holmes e Watson⁷, com casos que não aparecem na minissérie a serem desvendados pelo público, ao mesmo tempo em que características narradas nos episódios são consideradas em tais blogs. Com isso, os limites entre ficção e “realidade” se tornam fluidos.

Acreditamos que essa seja uma questão muito típica dos seriados contemporâneos, que não começam e terminam ao começo e fim dos episódios e temporadas, mas continuam, via redes sociais e outros meios, o tempo inteiro. Fãs-clubes são criados sobre as séries e as opiniões são consideradas pela equipe de produção do seriado (casos não procurados nos blogs são considerados “chatos” por “Sherlock” – que também sai da tela e passa a habitar o “mundo virtual” das redes sociais como se fosse “mundo real” – ou até retirados dos blogs, por exemplo). Essa característica transmidiática, por ora, pretendemos considerar quando necessário na pesquisa proposta, pois, num outro momento (talvez num mestrado, posterior à pesquisa que aqui se propõe), pretendemos nos deter a essa temática, voltada ao gênero, explorado na contemporaneidade e tido por alguns como um “fenômeno” de sucesso.

Outro exemplo de enunciado verbal enigmático no seriado *Sherlock* é “I am (sher) Locked”, desvendado no final do episódio *A Scandal in Belgravia*⁸, chave do celular de Irene Adler, com quem uma outra possível relação amorosa é sugerida. Nesse caso, como em “I O U”, os enigmas verbais para Sherlock advém de sujeitos misteriosos, os quais são “outros” na relação constitutiva exotópica do detetive. “Outros” que o constituem como seus “oponentes”/“complementares”. Os sujeitos se constituem na e pela linguagem. Não poderia ser diferente para seus jogos, característicos dessa relação entre eles: um jogo de poder e sedução pelo conhecimento. No caso de “I O U”, temos inúmeras possibilidades, pois é um mistério ainda não-desvendado, deixado como enigma ao telespectador – ativo.

O elemento linguístico (verbal) aparece marcadamente para o telespectador, na maior parte das vezes como palavra e frase, enquanto signos dispostos na “tela” ou como revelações da mente das personagens: o pensamento de Sherlock é materializado

⁷ www.thescienceofdeduction.co.uk e www.johnwatsonblog.co.uk.

⁸ *Um escândalo na Belgravia*.

com signos verbais intermitentes, surgindo e desaparecendo, conforme o fluxo de consciência do detetive, que busca e recusa signos guardados em seu “palácio mental”, ao aproximar sua busca por um signo específico na “world wide web”, além de, combinado com o foco visual da câmera, que materializa a convergência do pensamento investigativo de Holmes (foco mental), como um olho robótico que nunca pode olhar sem analisar (característica esta que o aproxima de um ciborgue, ser fictício com funções vitais mecânicas), aparecem enunciados verbais que são, na realidade, conclusões dedutivas; a escrita do blog de Watson é visualmente concretizada na tela, numa simbiose de elementos linguísticos e visuais que aproximam o ecrã do televisor do espectador com o de um computador; e assim por diante.

Pensar essa e outras “pistas” constitutivas dos sujeitos em questão é um dos propósitos analíticos da pesquisa proposta neste projeto: pensar o signo, o valor, a significação e o enunciado na composição dos sujeitos. No caso da minissérie, não apenas visual e vocal, mas também verbal. E qual a importância das pistas e jogos verbais nessa minissérie específica? Afinal, essa característica é um traço estilístico da arquitetura do seriado *Sherlock*, do mesmo modo que pode ser considerado traço constitutivo do protagonista, próximo de uma máquina, como Watson o proclama no episódio *The Reichenbach Fall* (“you machine” – “você é uma máquina”), tanto pela alta capacidade de dedução, quanto pela memória autodenominada *harddrive*, que tanto é explorada em toda a minissérie.

Pensar como o “eu” é constituído pelo “outro”, tanto quanto o “outro” é constituído pelo “eu”, é o principal intuito deste projeto, ou seja, refletir acerca da constituição dos sujeitos. E uma das concepções que nos auxiliará a compreender essa constituição interativa é a de exotopia. Exotopia, para Bakhtin, é a visão de fora necessária para o “eu”; o olhar deslocado do “outro” que permite a completude do “eu”. Em sua obra *Estética da criação verbal* (2003), o filósofo considera a exotopia como característica primeira da atividade estética na relação autor-personagem. O autor dá acabamento estético às suas personagens em um “todo concreto-conceitual singular” (BAKHTIN, 2003, p. 4), em sua resposta a elas. Resposta que contém “as avaliações ético-cognitivas” (idem) autorais das personagens. Essa relação de completude se dá conforme a vida, já que a arte a refrata.

Como dissemos, o sujeito é constituído por um “outro” sujeito ativo, que dá sua opinião a respeito do “eu”, constrói sua imagem, discute, concorda, tem a visão do “eu” como um todo, situação que não pode se passar no “eu-para-mim”. O “eu” possui um

excedente de visão em relação ao “outro”: ao contemplá-lo, o olhar do “eu” alcança pontos de visão que lhe são cegos. Pode vê-lo em finitude, como um todo acabado em um corpo visível e representável. Já não pode considerar o mesmo na relação “eu-para-mim”. Pode tentar se distanciar de si, mas não pode se ver como um todo, pois precisa do excedente de visão do “outro” que, em seu lugar, de fora, o completa. A exotopia é esse lugar de fora, no qual se encontra o “outro” que é necessário ao “eu”.

Por isso, podemos dizer que o sujeito bakhtiniano é constituído nessa relação “eu-outro”. O “eu” necessita do “outro” para lhe complementar. Bakhtin afirma que, mesmo para tomarmos consciência de nosso corpo, quando bebês, precisamos da fala e do olhar da mãe para nos constituirmos. Seu olhar de fora se relaciona empaticamente com o “eu” e é o ponto de partida para nos tornarmos indivíduos. A individualidade do sujeito é construída na relação de alteridade desse com seu outro.

Propomos, neste projeto, a análise do sujeito Sherlock, o qual é constituído na interação com outros sujeitos/personagens da minissérie, em especial Moriarty, o qual o constitui em uma relação conflitante de aproximações e distanciamentos. A caracterização de Moriarty na minissérie, bem como a sua mudança serão analisadas ao longo da pesquisa. Ele difere física e psicologicamente da caracterização descrita no conto, pois é jovem e tem um temperamento explosivo, juntamente com atitudes insanas, como Sherlock expressa no episódio *The Reichenbach Fall*.

No conto *The Final Problem*, de Doyle, Sherlock visita Watson (que já estava casado e, por isso, não morava mais com Holmes) e diz-lhe que havia descoberto o envolvimento de Moriarty em uma série de crimes em Londres e que, se tudo se passasse como o previsto, ele seria levado a julgamento em breve. Conta-lhe que Moriarty lhe fez uma visita na qual o ameaçou e tentou lhe convencer de não mais importuná-lo. Essa foi a primeira vez, nas obras de Doyle, em que eles se viram pessoalmente, apesar de um já haver investigado sobre o outro. Já na minissérie, eles se confrontam no terceiro episódio, *The Great Game*⁹, no qual disputaram conhecimento com vidas em jogo (armadilhas de Moriarty).

Ao contrário do que é dito no conto, que Sherlock descobre só depois o envolvimento do professor de matemática aposentado (Moriarty) em diversos crimes, inclusive nos sem resolução, na minissérie, ao longo dos episódios, vemos o envolvimento gradual de Moriarty, personagem que aparece como uma sombra nos dois

⁹ O Grande Jogo.

episódios da primeira temporada até aparecer em um confronto pessoal no terceiro, mas temos seu nome desde o primeiro momento.

Na minissérie, determinados aspectos das obras de Doyle são recuperados, principalmente alguns que são pressupostos pelos criadores como conhecidos do telespectador, como típicos, mas o enunciado é outro. A principal característica da minissérie é o deslocamento das personagens para o século XXI, de modo que o detetive e seu companheiro contam com um arsenal técnico para auxiliar nas pesquisas e resolução dos casos. Certamente, as histórias não podem ser representadas tais quais aparecem no original, nem as personagens podem ser as mesmas, pois, assim como a época, a ideologia vigente mudou e, acima de tudo, o enunciado é único.

O enunciado estético reflete e refrata a sociedade e suas ideologias. Os enunciados são inseridos em um contexto social e histórico específicos, além de serem atuados por sujeitos com características próprias. Portanto, ao considerarmos a obra de Doyle e a minissérie de Moffat e Gatiss como discursos, não mais os entendemos como textos isolados do tempo-espaço tidos como produto acabado, mas como enunciados inacabados (porém com acabamento)¹⁰ que, justamente por estarem inseridos em um contexto, são permeados por ideologias e as refletem e refratam de modo a representar e expressar certa ideologia¹¹.

As histórias de Doyle, que têm como personagem central Sherlock, são exemplos da refratação da influência do método científico positivista como método eficaz de se fazer pesquisa. A própria literatura policial da época é reflexo e refração do método positivista, já que conta com detetives-máquinas como heróis que, a partir de deduções auxiliadas por conhecimentos biológicos e químicos, são/eram capazes de compreender o ato criminal e encontrar seu culpado. Com o intuito de aproximá-los das pessoas ditas “comuns” e distanciá-las das “máquinas pensantes”, comumente, os detetives possuíam vícios – por exemplo: a recorrência às drogas ou a hábitos como o gosto pelo violino e a esgrima, da parte de Holmes.

Na minissérie *Sherlock*, os métodos de pesquisa tradicionais utilizados por Holmes na obra original de Doyle não são nem poderiam ser os mesmos. A *internet* e o telefone celular atuam como elementos essenciais na trama, sendo auxiliares nas

¹⁰ Um enunciado nunca é completamente acabado, totalmente finalizado. Não nos referimos ao sentido de não ter acabamento estético, mas sim de possibilitar um novo enunciado.

¹¹ A ideologia, segundo o Círculo, encontra-se na interação da super com a infraestrutura. Ela é social, partilhada por um grupo de uma determinada sociedade, de uma determinada época e é inerente ao signo.

pistas dos mistérios a serem desvendados e, principalmente, como meio de contato entre as personagens, em especial entre Sherlock e Moriarty.

No que concerne a (re)construção das personagens, ponto fundamental para a pesquisa que aqui se propõe, há muitas mudanças. No entanto, suas essências são conservadas. Pode-se considerar que Sherlock possui um ar de superioridade intelectual e de desprezo pelas pessoas “ordinárias”, apesar de depender da “incapacidade” delas como ganho de vida. O aspecto cômico de sua personagem na minissérie é notável e algo impensável para a figura literária séria do século XIX. Até sua seriedade e seu método de trabalho são ridicularizados pelas outras personagens no seriado da BBC, assim como sua ignorância com aspectos básicos da vida em sociedade.

A nossa hipótese é a de que o cômico aparece como momento de relaxamento da tensão investigativa para o espectador/leitor. Esse traço gera uma mudança considerável na caracterização do sujeito, principalmente no que diz respeito à sua ridicularização. A mudança em relação ao original marca uma alteração ideológico-social. Por meio dessa mudança, refletimos acerca da aceitação do intelectual e seu papel na sociedade nos últimos tempos, o que faz com que o papel de um detetive, cujos métodos científicos extremamente precisos como, por exemplo, a constatação da existência de 243 tipos de cinza de tabaco, sejam postos em dúvida e torne o sujeito ridicularizado por sua obsessão e “anormalidade”. A questão de sua aceitação pela sociedade está sempre presente na trama, em menor ou maior grau, mas, principalmente, no terceiro episódio da segunda temporada, *The Reichenbach Fall*, objeto principal de estudo desta pesquisa.

Seus hábitos também não são os mesmos em relação ao original. O gosto pelo violino mantém-se, mas habilidades como a esgrima não são mencionadas. A utilização de drogas como a cocaína e o tabaco por Holmes não se realiza. Inclusive, no primeiro episódio da primeira temporada da série, ele aparece utilizando adesivos de nicotina, indicados para aqueles que gostariam de não mais fumar. Podemos relacionar essa mudança com a ideologia da nova geração que parece estar mais voltada para a saúde e o bem-estar. Trata-se de uma nova personagem, com características típicas que se enquadram na sociedade do século XXI.

Não só Sherlock, mas Moriarty também mudou, como já apontamos. Ele não é mais o professor aposentado sério e respeitável, mas sim um gênio insano do crime, muito perigoso e que, aparentemente, disfarça-se como ator, com o nome de Richard Brook, apesar de a questão sobre sua identidade na minissérie ainda não ter sido

revelada até o fim da segunda temporada¹². Essa mudança se dá, segundo os próprios criadores, por um desejo de representar um novo Moriarty, diferente do que era comumente feito, de maneira ultrapassada. Eles optaram justamente pelo contrário: escolheram um ator jovem para representá-lo e expuseram sua personalidade caótica.

Todas essas mudanças caracterizam o discurso da minissérie como enunciado responsivo, inspirado nos trabalhos de Doyle e de tantos filmes já realizados¹³ [elos na cadeia de discursos com o tema “Sherlock Holmes”. Tema, aqui, considerado como mais que assunto, uma vez que podemos nos remeter a diversos assuntos com o mesmo tema, como acontece na minissérie *Sherlock*, em que o detetive (e suas investigações) é o tema e cada episódio o aborda com diferentes assuntos, desenvolvendo-o sob perspectivas distintas ou que confirmam os anteriores já apresentados].

O herói bakhtiniano seria o tema sobre o qual o autor redige, sendo também sujeito com voz que atua eticamente em seu mundo (fictício). Os sujeitos são constituídos na linguagem, na interação, logo, como nós somos constituídos pelos outros que nos acompanham, o herói é constituído por seu diálogo com o autor-criador. Falar do outro é lhe dar voz e atividade. Podemos considerar, então, que os “outros” do enunciado, dos quais o autor-criador fala, têm voz dentro da obra. O autor-criador é um dos “outros” das personagens de sua obra, na medida em que ele, com sua visão de fora, as completa ética e esteticamente, fornecendo-lhes suas características axiológicas. A sua consciência abrange as consciências das personagens e o mundo em que essas vivem. Ele as vê como um todo. Essa relação é explicitada por Bakhtin em “O autor e a personagem na atividade estética”, na obra *Estética da criação verbal*. Também o leitor é um “outro” tanto das personagens quanto do autor-criador.

Pretendemos verificar se o sujeito Sherlock, tema sobre o qual se fala, é também um herói bakhtiniano, sendo o tema da minissérie e do enunciado específico do sexto episódio, com voz e atuante em seu mundo (a Londres fictícia do século XXI), mas, como pretendemos mostrar sua relação com Moriarty, este será seu outro, que o constitui enquanto sujeito antagonista.

A relação Sherlock-Moriarty é um exemplo do conceito de alteridade levado ao nível da construção do enunciado, da tessitura da obra, do ato exercido pelas personagens e das suas constituições. No episódio escolhido como *corpus* para a

¹² A terceira temporada tem previsão de estrear em primeiro de janeiro de 2014.

¹³ Não pretendemos estudar os outros trabalhos sherlockianos, dada a viabilidade temporal que possuímos para desenvolver a pesquisa proposta por este projeto.

pesquisa proposta, Sherlock tem discussões com Moriarty nas quais este último afirma que os dois são muito parecidos, mas que Sherlock está do “lado dos anjos”. Em outro momento, Moriarty também relata que “Todo conto de fadas precisa de um bom e velho vilão”, referindo-se ao crime que Sherlock investigava, o qual se relaciona com os contos dos Irmãos Grimm (planejado por Moriarty) e, principalmente, à relação entre os dois: Sherlock precisa de um vilão enquanto detetive, tanto quanto Moriarty necessita de Holmes como seu par intelectual para desvendar os seus planos criminosos.

Apesar de terem métodos de trabalho similares e de Moriarty frisar a aproximação entre os dois, a qual ele leva às últimas consequências no sexto episódio, duas éticas, dois deveres axiológicos completamente diferentes estão em embate: Sherlock está do “lado dos anjos” e Moriarty é um “gênio do crime”. Refletir sobre a construção do detetive e suas aventuras na época contemporânea significa pensar a produção, a circulação e a recepção da cultura massiva da esfera televisiva e, em especial, o seu acabamento estético. Essa é a importância deste projeto, que se volta à composição do sujeito Sherlock, em interação com seu antagonista (Moriarty) e às mudanças estético-ideológicas presentes no enunciado da minissérie televisiva *Sherlock*, do canal BBC. A teoria do Círculo fundamenta a pesquisa proposta por compreender o diálogo como constitutivo do enunciado e do sujeito, aqui considerados num embate entre os séculos XXI e o XIX.

OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa se dividem em Geral e Específicos:

Objetivo Geral

. Analisar a construção do sujeito Sherlock em sua relação de alteridade com Moriarty, na minissérie *Sherlock*, vista como enunciado responsivo às personagens de Doyle no episódio *The Reichenbach fall*.

Objetivos Específicos

. Analisar a relação dialógica entre a obra de Doyle e a minissérie, levando em consideração as implicações decorrentes do deslocamento temporal do texto/discurso;

- . Relacionar o episódio escolhido como objeto da pesquisa proposta com os demais episódios da minissérie, a fim de melhor compreender a relação de alteridade entre protagonista e antagonista, bem como a (re) construção desses enquanto sujeitos e a participação de Sherlock na categoria discursiva de herói;
- . Refletir acerca do enunciado da minissérie como massivo (televisivo) e a relação desse outro gênero para a produção do protagonista e do antagonista da trama;
- . Analisar os enunciados verbais, vocais e visuais do episódio tomado como *corpus* da pesquisa proposta, bem como pensar sobre a proficuidade das categorias bakhtinianas para análise de enunciados verbo-voco-visuais.

PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

A pesquisa será desenvolvida no período de 11 meses, com atividades a serem realizadas em cinco (5) bimestres e um mês.

- . Primeiro Bimestre: Início da fundamentação teórica com base nas ideias do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov, bem como início da descrição do *corpus*, pensado desde o início da pesquisa, junto com o desenvolvimento do embasamento teórico.
- . Segundo Bimestre: Continuação da fundamentação teórica, com esboços analíticos e pesquisa contextual acerca das obras de Doyle e da minissérie *Sherlock*.
- . Terceiro Bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Científico de Progresso à FAPESP.
- . Quarto Bimestre: Análise do episódio escolhido como *corpus* da pesquisa.
- . Quinto Bimestre: Interpretação dialógica do *corpus*, centrada nos sujeitos Sherlock e Moriarty. Início da elaboração do Relatório Científico Final.
- . Último mês: Elaboração e entrega do Relatório Científico Final à FAPESP.

Os encontros entre orientadora e orientanda serão semanais, bem como a continuação da participação da aluna nas reuniões do GED – Grupo de Estudos Discursivos – coordenado pela orientadora.

Além disso, a proponente e sua orientanda se comprometem a participar, com apresentação de trabalho, de, ao menos, quatro (4) eventos acadêmicos no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e vigência da bolsa, assim como publicar, no mínimo, dois (2) artigos científicos em revistas expressivas da área.

Para melhor visualização do cronograma de pesquisa proposto, segue a tabela com a distinção das etapas, as quais não serão realizadas de maneira estanque. Ao contrário, interligando-se, dialogicamente:

Etapas	1º Bim	2º Bim	3º Bim	4º Bim	5º Bim	Último mês
Embasamento teórico	X	X	X	X	X	X
Contextualização	X	X	X			
Análise do corpus	X	X	X	X	X	X
Relatório Parcial			X			
Relatório Final					X	X
Eventos	X	X		X	X	
GED	X	X	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X

MATERIAIS E MÉTODO

Propomos uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo, a qual analisará a construção dos sujeitos Sherlock e Moriarty, postos em relação de interdependência no episódio proposto, relacionando-o à obra de Doyle.

Este projeto se centra na análise dialógica do sexto episódio da minissérie *Sherlock*, produzida pela BBC. Partimos da compreensão, segundo o pensamento de Bakhtin e do Círculo, de que a relação entre os enunciados e os sujeitos que os enunciam é indissociável. As concepções de sujeito, alteridade, exotopia, cronotopia, herói, diálogo e ideologia fundamentam a pesquisa proposta.

Não é possível separar os conceitos do pensamento do Círculo, eles também estão interligados, o que torna necessária a utilização de outros conceitos ao se pensar em um. Para o diálogo, por exemplo, é necessária a compreensão do enunciado, dos sujeitos que enunciam, os quais, por sua vez, levam ao "outro", que é exotópico e ao signo ideológico, que compõe o enunciado. Todo o pensamento se interliga. E tentaremos, de forma o mais didática possível, descrever as concepções a serem trabalhadas, pedidas pelo *corpus*, sempre em interação com ele, a partir dele. Assim, o *corpus* norteará a pesquisa, que se propõe analítico-reflexiva.

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o período da pesquisa serão analisadas dialogicamente (tendo em vista a obra de Doyle) a constituição do sujeito Sherlock em relação a Moriarty, bem como a discussão a respeito de Sherlock enquanto herói discursivo. Serão utilizados os conceitos do Círculo, a partir dos textos-fonte e de textos de pesquisadores da área, tais como Brait, Faraco, Geraldi, Ponzio, Zavala, Paula, Machado, Amorim, entre outros.

Os resultados da pesquisa serão analisados de maneira qualitativa e serão apresentados em artigos científicos, bem como em apresentações em eventos.

Acreditamos que o estudo da minissérie *Sherlock* seja interessante enquanto enunciado responsivo, recriação (dialógica) de uma personagem consagrada da literatura, do cinema e da televisão, a qual se encontra em um contexto completamente diferente do habitual para o espectador, o que causa surpresa e ganha audiência. Este estudo pode contribuir com os estudos estéticos realizados na perspectiva do Círculo em uma esfera de atividade de grande alcance do público, ao pensar a constituição dos sujeitos numa obra estética massiva. Assim, poderemos, também, verificar como analisar um enunciado verbo-voco-visual tendo como embasamento a filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹⁴

AMORIM, M. O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Discurso na vida e discurso na arte. In: ____ *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Freudismo. São Paulo: Perspectiva, 2001.

¹⁴ As referências bibliográficas contidas neste projeto se referem tanto à bibliografia nele utilizada quanto àquela que será estudada de maneira mais profunda no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, sendo que o tema já vem sendo pesquisado pela autora e abordado em apresentações em congressos da área, daí a intimidade inicial desta com a temática. Inclusive, a proponente deste projeto foi procurada pela Martin Claret e já assinou contrato para escrever o posfácio da próxima publicação da editora sobre Sherlock Holmes, o que também a tem feito estudar de maneira mais aprofundada a obra literária de Doyle.

- BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. (russo) Sheila Grillo e Ekaterina Americo. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAKHTIN, M.M (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. Trad. (russo) Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (1975). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BRAIT, B (Org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001.
- DOYLE, A. C. O Problema final. In: *As memórias de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Em busca dos sentidos – Estudos Discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, I. A. *O romance e a voz – A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.
- _____. “Círculo de Bakhtin – diálogos in possíveis”. Volume 2. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

____. “Círculo de Bakhtin – pensamento interacional”. Volume. 3. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2012.

SHERLOCK: 1º Temporada. Direção: Euros Lyn, Paul McGuigan, Toby Haynes. Produção de Mark Gatiss, Steven Moffat. Londres: LOG ON, 2010. 2 DVDs (270 min), widescreen, color. Produzido por BBC (UK). Baseado nas obras de Arthur Conan Doyle.

SHERLOCK: 2º Temporada. Direção: Euros Lyn, Paul McGuigan, Toby Haynes. Produção de Mark Gatiss, Steven Moffat. Londres: LOG ON, 2012. 2 DVDs (270 min), widescreen, color. Produzido por BBC (UK). Baseado nas obras de Arthur Conan Doyle.

SOBRAL, A. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de autoajuda*. 2006. 325 pág. Tese- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Arquivo digital.

TIHANOV, G. *The master and the slave: Lukács, Bakhtin, and the ideas of their time*. New York: Oxford University Press Inc, 2002.

ZAVALA, I. *Bajtín y sus apócrifos*. Porto Rico: Antrophos, 1997.